

Encontro anual de
INICIAÇÃO 
CIENTÍFICA DA UNESPAR

A SOCIOLINGUÍSTICA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Alexsandro Sznicer (PIC, CNPq)
UNESPAR/ União da Vitória, alexsandrosznicer@hotmail.com
Fernanda Rosário de Mello (Orientadora)
UNESPAR/União da Vitória, fmello@unespar.edu.br

RESUMO: A Sociolinguística é uma ciência relativamente recente, mas, ao longo do tempo, vem propiciando significativas mudanças no cenário educacional brasileiro no que se refere ao ensino-aprendizagem de língua materna. Pesquisas apontam como um dos ramos linguísticos que mais contribuiu para a educação, sobretudo a educação das minorias (cf. BORTONI-RICARDO, 2004). Torna-se, então, imprescindível que professores de Língua Portuguesa da Educação Básica tenham uma formação adequada sobre a teoria sociolinguística, para, assim, poder aplicá-la em sala de aula. Dessa forma, a presente pesquisa buscou proporcionar uma reflexão crítica acerca da real importância dos estudos da sociolinguística na prática em sala de aula, investigando o envolvimento que professores da língua materna, tanto em formação inicial quanto continuada, mantêm com as concepções da Sociolinguística Educacional, construindo junto a esses agentes a formação e a consolidação de uma reflexão sociolinguística em sua prática pedagógica no ensino de língua. A metodologia adotada nesta pesquisa é qualitativa, de base etnográfica colaborativa, realizada primeiramente dentro da própria universidade, com os alunos dos anos finais do curso de Pedagogia e, em um segundo momento, com a observação da prática docente de professores em turmas de ensino Fundamental I. Os resultados obtidos mostraram que o conhecimento dos professores em formação inicial (numa turma de formandos em Pedagogia) é escasso e superficial, pois se restringe apenas ao conhecimento de variação como fenômeno regional. Por meio da realização da segunda etapa da pesquisa (entrevista e acompanhamento das aulas de língua portuguesa de uma professora de Fundamental I), constatou-se que a falta e/ou pouco conhecimento dos estudos sociolinguísticos leva a um trabalho em sala de aula que, por vezes, acaba criando episódios de discriminação e preconceito em relação ao aluno. A partir dos resultados expostos, conclui-se que a escola deve promover um ensino significativo, por meio de uma pedagogia sensível que valorize a cultura do aluno para, assim, ajudá-los a ampliar suas competências linguísticas.

Palavras-chave: Sociolinguística educacional. Ensino de língua materna. Ensino fundamental I.

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, a preocupação com a qualidade do ensino (público) no Brasil teve um aumento significativo. Em se tratando do ensino de língua materna, surgem políticas públicas que visam à criação de projetos com o objetivo de ampliar a qualidade na formação de professores e na aprendizagem dos alunos. A partir dessa preocupação, surgem questionamentos do tipo: o ensino de língua materna está sendo eficaz? As discriminações que ocorrem na sociedade estão sendo disseminadas dentro do ambiente escolar? O ensino de português está sendo um ensino amplo ou um ensino de exclusões?

Encontro Anual de Iniciação Científica da Unespar

Nesse contexto, ganha corpo a corrente linguística chamada Sociolinguística Educacional, cujo foco está em ampliar competências comunicativas dos alunos, promovendo melhorias significativas no modo como a língua materna é ensinada (cf. BORTONI-RICARDO, 2004).

Este texto traz os resultados da pesquisa por nós realizada em atividades de iniciação científica e seu foco foi investigar de que modo a Sociolinguística Educacional está presente na formação de professores, inicial (no curso de Pedagogia) e continuada (em sua atuação em sala de aula), de modo a desenvolver nesses agentes uma reflexão sociolinguística em sua prática pedagógica nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Para que esse objetivo geral fosse alcançado, outros objetivos específicos foram delineados, sendo eles:

- Analisar textos teóricos, que auxiliem no contato entre os professores com formação em Pedagogia e a Sociolinguística Educacional.
- Fazer uma transposição didática das leituras teóricas para o trabalho em sala de aula.
- Construir um banco de dados para futuras produções, a partir da observação direta da atuação de professores em sala de aula.

Acreditamos que o desenvolvimento de pesquisas no âmbito acadêmico é de extrema importância por diversos fatores. Dentre eles, por aprimorar conhecimentos que são disseminados pelo ensino. Por esse motivo mesmo, essas pesquisas devem abranger um contingente maior que apenas o público acadêmico. Dessa forma, a interação entre a Universidade e a Rede Pública de ensino se faz necessária, por meio do acompanhamento de professores de Educação Básica em sua prática pedagógica diária, para gerar reflexões em relação ao ensino de língua materna.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

No Brasil, a Sociolinguística é uma área que tem se desenvolvido em grande escala nas últimas décadas e as pesquisas a apontam como um dos ramos linguísticos que mais contribui com a educação, sobretudo com a educação das minorias (Cf. Bortoni-Ricardo, 2004). Segundo Bortoni-Ricardo e Freitas (2009, p. 218), a Sociolinguística sempre “demonstrou preocupação com o desempenho escolar de crianças provenientes de diferentes grupos étnicos ou redes sociais. Desde então muito tem contribuído para os avanços na pesquisa das questões educacionais em diversos países do mundo [...]”. Para elas, “o objetivo tem sido o de construir novas metodologias que auxiliem professores a desenvolver em seus alunos as habilidades cognitivas necessárias a uma aprendizagem mais ampla e à expansão de sua competência comunicativa”.

Segundo Bortoni-Ricardo (2012), há algumas justificativas para o trabalho com a Sociolinguística na Educação Básica. Primeiramente, “se um professor do Ensino Básico conhece as características da fala do grupo social de onde provêm seus alunos, poderá planejar seu trabalho

Encontro Anual de Iniciação Científica da Unespar

pedagógico com vistas a ampliar a competência comunicativa desses alunos, habilitando-os a usar outras variantes de mais prestígio, na escrita e na fala quando essa precisa ser monitorada” (p. 03-04).

Além disso, a discussão da variação linguística na escola oportuniza mais o trabalho com “a gramática da língua padrão, descrita nos compêndios de gramática normativa, à luz das características da nossa fala brasileira” (p. 04). É possível, portanto, que sejam identificados os contextos em que as diversas variedades da língua são produtivas. No trabalho com a leitura, as concepções da Sociolinguística podem ajudar os professores a “reconhecer estruturas linguísticas que não pertencem ao repertório dos seus alunos, antecipar as dificuldades, “traduzi-las” e associá-las a variantes mais usuais na linguagem oral coloquial. Poderão ainda construir agendas e elaborar sequências didáticas que visem a capacitar os alunos a se tornarem ‘bidialetais’, no seu uso da língua portuguesa” (p. 04). O trabalho com a Sociolinguística ainda é capaz de formar na escola uma consciência deveras importante: ao ensinar diferentes modos de falar, a escola deve estar muito bem preparada para mostrar que as formas variantes sempre se associam a valores sociossimbólicos distintos, ou seja, havendo variação linguística, há, inevitavelmente, avaliação social.

Para efetivar a educação em língua materna, a escola precisa oportunizar aos alunos o acesso a variedades prestigiadas da língua, nunca se esquecendo do que alerta Antunes (2007, p. 101):

“O problema é discernir sobre o que faz parte desse padrão e adotar uma visão não-purista, de flexibilidade, de abertura, para incorporar as alterações que vão surgindo; o problema é, ainda, não julgar essas mudanças como, simplesmente, provas de decadência da língua e, assim, não subestimar ou não ridicularizar aqueles que fogem a esse padrão socialmente prestigiado”.

Para Cyranka e Pinto (2010), a Sociolinguística, por considerar a contraparte social da linguagem, é capaz de oferecer o caminho para o tratamento adequado da heterogeneidade linguística na escola. Por esse motivo, uma formação de professores que conte com o auxílio dos fundamentos sociolinguísticos de viés educacional constitui o primeiro e importante passo para a ampliação do conhecimento dos professores sobre a língua e suas variações.

METODOLOGIA

A pesquisa realizada, cujos resultados estão sendo apresentados neste texto, faz parte de uma pesquisa maior (Mello, 2014), na qual a autora discute o lugar da Sociolinguística na Educação Básica da Rede Pública, englobando os anos iniciais e finais do Ensino Fundamental. Por esse motivo, a metodologia aqui adotada conversa diretamente com a metodologia proposta por Mello (2014) e por Carneiro (2014; 2015). Para a realização do trabalho e, conseqüentemente, para o alcance dos objetivos, a metodologia adotada nesta pesquisa foi a qualitativa, de base etnográfica colaborativa, pelo viés da pesquisa-ação (Cf. Bortoni-Ricardo, 2006). Segundo Kemmis & Mc Taggart (1988), a

Encontro Anual de Iniciação Científica da Unespar

pesquisa-ação é desenvolvida pelos próprios participantes envolvidos no processo, não por pesquisadores externos a ele. Define-se, também, por ser colaborativa, propondo mudanças que se julguem necessárias. Em uma pesquisa etnográfica, o pesquisador deve participar ativamente (daí a referência à pesquisa-ação) do dia-a-dia do grupo que está estudando, observando o que se passa entre seus membros, questionando-os e reunindo todas as informações que possam trazer os esclarecimentos que ele tem buscado com seu estudo (Cf. Bortoni-Ricardo, 2006).

A investigação pretendida com esta pesquisa ocorreu em três etapas fundamentais: (1) fase exploratória; (2) trabalho de campo; (3) análise do material documentado. Para cada uma das etapas, os seguintes procedimentos de coleta e análise de dados foram selecionados:

(1) Fase exploratória: a) Formulação da questão a ser pesquisada; b) Contato com as instituições públicas onde o trabalho de campo se realizou; c) Análise documental, com a seleção do material a ser utilizado na pesquisa.

(2) Trabalho de campo: a) Observação e análise dos currículos no curso de Pedagogia; b) Observação participante dos licenciados no curso de Pedagogia e do trabalho docente nas turmas de Educação Básica selecionadas (Ensino Fundamental II) por meio da aplicação de questionários, entrevistas e outras técnicas que favoreçam a compreensão do problema de pesquisa; c) Produção de Diários de Campo, para as descrições pormenorizadas do trabalho docente; d) Análise etnográfica com gravação em áudio e/ou vídeo das aulas.

(3) Análise do material documentado: a) Transcrição das gravações; b) Análise e interpretação dos dados obtidos por meio dos Diários de Campo.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Foram muitos os resultados obtidos com a realização da pesquisa por meio de questionários, entrevistas e acompanhamento da prática docente do professor observado. Os dados foram obtidos em duas fases, conforme o que se apresenta a seguir:

Formação Inicial

No projeto de Iniciação Científica a que este texto se refere, foi proposta inicialmente a análise das disciplinas constituintes do currículo do curso de Pedagogia. Com a obtenção do currículo do curso, constatou-se que ele possui em sua grade, ao longo dos quatro anos de graduação, disciplinas voltadas ao ensino de língua portuguesa que preveem o trabalho com a Sociolinguística. Os conteúdos previstos para os quatro anos de graduação do currículo do curso de Pedagogia são os seguintes: no primeiro ano do curso, são destinadas 72 (setenta e duas) horas anuais para a disciplina de Língua Portuguesa, que abrange os seguintes temas: Noções de língua e linguagem. O processo de comunicação humana e as funções da linguagem. A língua sob a perspectiva social. Gêneros textuais. Revisão de aspectos gramaticais básicos. Alfabetização e linguística. Sociolinguística.

Encontro Anual de Iniciação Científica da Unespar

Para o segundo ano, são dedicadas 72 (setenta e duas) horas para a disciplina de Produção Textual que contém em sua grade: Noções fundamentais sobre coesão, coerência, clareza e progressão temática na produção textual. Leitura e análise de textos, produção e classificação de diversos gêneros textuais. Reflexão sobre a adequação comunicativa em diferentes situações de interação verbal e escrita.

O currículo prevê para o terceiro ano uma disciplina de Fundamentos da Alfabetização, com carga horária de 72 (setenta e duas) horas. Os conteúdos programáticos são os seguintes: Alfabetização: a questão conceitual. Métodos de alfabetização de marcha sintética e analítica e método eclético. O processo de Alfabetização face às teorias de desenvolvimento e aprendizagem: as contribuições de estudo e pesquisas de base behaviorista, construtivista/sócio interacionista e histórico-cultural. As novas propostas didáticas para alfabetização baseadas em estudos e pesquisas mais recentes das áreas da psicologia, linguística, sociolinguística e psicolinguística. Articulação teoria e prática no processo de alfabetização. Fundamentos teórico-metodológicos do processo de alfabetização.

No quarto e último ano do curso, são dedicadas 144 horas para a disciplina chamada Princípios Teóricos e Metodológicos do Ensino da Língua Portuguesa e literatura infanto-juvenil, que prevê o trabalho com os conteúdos: Concepções de linguagem. Características e relações entre a língua falada e a língua escrita. As condições de produção da leitura e da escrita. O erro de linguagem. Análise e seleção de livros didáticos. Avaliação da aprendizagem: construção de estratégias. Auto-correção. As diferentes formas de comunicação e expressão. Leitura, interpretação e reprodução de textos. História e teoria do texto para criança. Influências da Literatura Infantil no Brasil e características. Principais autores e obras. O modo de ser da Literatura Juvenil. A literatura, o jovem e a sociedade. A literatura na escola as relações entre a literatura e as demais artes (cinema, teatro e música).

Como se pôde observar, o curso de Pedagogia possui disciplinas que contemplam, em alguma medida, a teoria da Sociolinguística em sua grade curricular, entretanto essa grade é repleta de outros conteúdos que também devem ser trabalhados em apenas 72 horas anuais, o que equivale a duas horas/aula semanais. Um tempo relativamente pequeno para se trabalhar com uma quantidade de temas relativamente grande. Por ser um curso que pretende formar profissionais capacitados a trabalhar com alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental, espera-se que recebam uma formação minimamente adequada (em se tratando de ensino de língua materna) para que o trabalho com o público alvo seja amplo e plural.

Após a análise do currículo do curso, foi feita a aplicação de um questionário com os formandos do curso de Pedagogia da UNESPAR – Campus de União da Vitória. Segundo Bortoni-Ricardo e Freitas (2009), cursos de formação de professores de Ensino Fundamental I não têm sido muito ágeis no que se refira à inclusão dos resultados da pesquisa linguística em seu currículo e a

Encontro Anual de Iniciação Científica da Unespar

análise feita dos questionários ratificou, em alguma medida, a constatação das autoras. Isso fica evidente por meio dos resultados obtidos. O questionário entregue aos acadêmicos foi dividido em três partes: CRENÇAS E ATITUDES, constituída por 13 (treze) questões que têm por objetivo fazer um levantamento do conhecimento geral que o entrevistado possui em relação à sua própria língua; CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS, formada por 5 (cinco) questões que investigam o embasamento teórico que o entrevistado já possui ou recebeu na graduação; e PRÁTICA DOCENTE, constituída por 5 (cinco) questões que apontam propostas de trabalho com a Sociolinguística Educacional.

Nessa primeira parte da pesquisa, pôde-se observar uma pequena participação dos acadêmicos colaboradores da pesquisa. Foram 50 (cinquenta) questionários entregues e apenas 29 (vinte e nove) devolvidos. Fica, então, subentendida a falta de conhecimento em relação à importância da pesquisa científica para a melhoria do ensino. Esperava-se uma participação maior dos acadêmicos por supor que estes possuíam o conhecimento da importância existente na colaboração com uma pesquisa do nível de Iniciação Científica. Para uma análise minuciosa dos dados do questionário respondido pelos entrevistados, sugere-se a consulta ao Relatório Parcial, nele estão contidas as porcentagens de cada questão. Abaixo são apresentados os dados obtidos com a efetivação da pesquisa de campo com os formandos do curso de Pedagogia.

(A) Crenças e Atitudes: A concepção que os entrevistados possuem sobre língua está diretamente ligada ao aspecto gramatical: a gramática (tradicional) é vista como o centro da língua. LÍNGUA = GRAMÁTICA. Dessa forma, é construída e solidificada a ideia de erro no uso da língua. As variações linguísticas passam a ser carregadas de avaliação social: língua certa x língua errada; língua feia x língua bonita; falante culto x falante inculto; estigma x prestígio, etc. Quando questionados sobre que significa usar a língua corretamente, 48,28% dos entrevistados responderam que o uso adequado da língua é falar e escrever de acordo com as regras gramaticais. 41,38% dos entrevistados responderam não ser correto corrigir a fala de outras pessoas, entretanto alguns disseram que essa correção depende do grau de intimidade tida com a pessoa, sendo assim a correção da fala do aluno é entendida como obrigatória.

(B) Conhecimentos Específicos: constatou-se que o conhecimento recebido pelos entrevistados durante sua graduação é muito restrito. Como já mencionado anteriormente, o curso de Pedagogia possui ao longo dos quatro anos de graduação disciplinas voltadas à língua portuguesa, que propõem o trabalho com aspectos sociolinguísticos, entretanto são muitos outros conteúdos que devem ser trabalhados juntos, de modo que questões sociolinguísticas podem ser trabalhadas de forma sucinta, sem muito aprofundamento teórico. Em se tratando do conhecimento que a maioria dos entrevistados possui com relação à variação linguística, constatou-se que ele se encontra restrito exclusivamente ao aspecto regional, ou seja, o local onde o falante está inserido, pois 58,62% dos entrevistados afirmaram que o que mais interfere no uso da língua é a região do falante. Observou-se também que a ideia de variação tida pelos entrevistados está ligada à fala, dessa forma a fala é vista como o lugar do

Encontro Anual de Iniciação Científica da Unespar

caos, onde tudo é aceito, já a escrita é entendida como uma modalidade de prestígio na qual erros não são admitidos.

(C) Prática Docente: O escasso conhecimento adquirido durante os quatro anos de graduação pelos acadêmicos entrevistados gera despreparo para a prática docente desses professores, já que seu entendimento sobre teoria da variação é equivocado. Para alguns professores em formação inicial, não há a necessidade de serem trabalhadas questões sociolinguísticas em sala de aula. Já para 72,41% dos entrevistados, é somente a norma padrão responsável para que os alunos possam ler e escrever corretamente. Esse despreparo contribui para que concepções de erro na fala sejam introduzidas em sala de aula construindo dessa forma um círculo vicioso de preconceito linguístico. O despreparo em relação a prática docente em sociolinguística educacional contribui com o fracasso de aulas bem preparadas, mas que a forma com que o professor expõe o conteúdo torna-o ineficaz.

Formação Continuada

A segunda etapa da pesquisa consistiu no acompanhamento de professores já em atividade. Essa etapa foi dividida em duas outras fases, sendo a primeira delas uma entrevista com a professora que teria suas aulas observadas posteriormente numa turma de 5º ano de uma Escola Municipal na cidade de União da Vitória/PR. Na entrevista, foram levantadas questões referentes ao conhecimento da professora sobre Sociolinguística e ensino. Constatou-se que sua formação é na área de Matemática e que, ao longo de sua carreira, não teve contato com a Teoria da Variação. O pouco que sabia foi decorrente de leituras de alguns materiais didáticos.

Na entrevista, a professora diz ser correto o ato de corrigir a fala do aluno já que, segundo ela, “o aluno está lá para falar correto”. Percebe-se na fala da professora, traços oriundos de uma pedagogia preconceituosa e opressora, que discrimina o aluno de acordo com sua fala.

Entrevistador: Você acha correto corrigir a fala de outras pessoas?

Professora: Depende a situação, né! Depende... que nem, nós como professores, eu como professora, eu, eu me sinto na obrigação de corrigir. Né, de fazer essa correção, até porque a gente tá ensinando, né, então eu acho que, nesse sentido, eu acho que eu corrigiria. Agora depende muito da situação né, depende o local que você, você não vai corrigir a pessoa, né. (trecho obtido da transcrição das gravações).

A resposta dada pela professora durante entrevista foi ratificada com a observação de suas aulas, como visto no exemplo abaixo transcrito da gravação de uma de suas aulas:

Aluno (respondendo a uma pergunta de um colega): Já dí.

Professora: Já DEI! (dando ênfase na palavra).

Encontro Anual de Iniciação Científica da Unespar

Pôde-se perceber, também, momentos em que os próprios alunos corrigiam-se uns aos outros, provavelmente como uma forma de influência do modo como a professora lida com as variações em sala de aula.

Com a realização das observações, pôde-se notar o quão fragmentada é (em forma de blocos) a exposição dos conteúdos por parte da professora. Um conteúdo não possui qualquer ligação com o conteúdo que será trabalhado posteriormente. Dessa forma, o aprendizado do aluno torna-se uma atividade mecânica e maçante. Os conceitos apresentados por ela durante suas explanações são de cunho semântico (“substantivo é a palavra que dá nome aos seres e adjetivo é a palavra que qualifica os seres”) e muito superficiais. Nas aulas são apresentados os conteúdos e, em seguida, solicitados exercícios prontos que não exigem muito a participação direta do aluno na atividade.

Os conteúdos previstos pelo planejamento da professora foram trabalhados, mas de uma maneira que fez com que um não possuísse ligação com o outro. Isso provocou em suas aulas uma explicação formada por blocos sem ligação. Quando a professora estava trabalhando sobre “substantivos”, ela passava sua definição no quadro, em seguida fazia uma breve explicação, partindo logo em seguida para uma bateria de exercícios que não exigiam muito dos alunos. Exercícios do tipo: defina o que é um substantivo; sublinhe os substantivos no texto, etc. Após esse trabalho, a professora continuava sua aula com outro conteúdo, sem mostrar a relação existente entre eles. Esse despreparo causa uma grande perda tanto para o professor quanto para o aluno (o maior prejudicado). Não estou aqui criticando a postura da professora observada, o fato é que sua formação não a possibilitou fazer um trabalho em língua materna como prevê os estudos feitos pela Sociolinguística Educacional.

Como proposto no projeto de pesquisa, depois do acompanhamento das aulas da professora, foi elaborada uma oficina que visa à integração de todos os agentes da pesquisa e os nela envolvidos. Assim, após a fase do acompanhamento da realidade dessa turma de 5º ano em suas aulas de português, e a partir da análise da metodologia empregada pela professora, foi proposto um retorno, não somente à agente observada, mas a todo corpo docente daquela escola que se interessasse em participar. Esse retorno foi realizado na forma de oficina, em que foram expostos estudos sobre Sócio e variação. Estavam presentes 21 professoras, sendo 19 do Ensino Fundamental I (todas da mesma escola em que foi feita nossa observação) e 02 do Ensino Fundamental II. A oficina foi dividida em três partes, sendo elas:

PARTE I – PRINCÍPIOS TEÓRICOS: como o próprio nome já diz, foram apresentadas de forma didática as teorias sociolinguísticas. Primeiramente, houve um momento de discussão para que se pudesse conhecer a visão dessas professoras sobre Sociolinguística. Como era de se esperar, poucas falaram a respeito, e as que expressaram sua opinião apontaram conhecimentos de origem do senso comum, do tipo, “variação linguística está ligada à região do falante (como se este fosse o único e exclusivo fator que influencia na variação de uma língua).

Encontro Anual de Iniciação Científica da Unespar

PARTE II – ANÁLISE DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA: nesse tópico, foram trazidos exemplos de materiais didáticos para que se discutisse o modo como eles estavam propondo o trabalho com língua materna e o respeito a questões sociolinguísticas.

PARTE III – SUGESTÕES PARA O TRABALHO COM SOCIOLINGUÍSTICA EM SALA DE AULA: essa última parte da oficina foi dedicada às sugestões de trabalho docente com a sócio e variação em língua materna. Diversas atividades e encaminhamentos foram apresentados como possibilidades de trabalho em sala de aula na Educação Básica. Por último, foi proposta uma atividade em que as envolvidas na oficina apresentassem seus posicionamentos sobre questões sociolinguísticas em sala de aula. Essas atividades foram recolhidas e analisadas uma a uma, dando-se atenção especial às respostas da professora observada.

Com a análise das respostas da primeira questão da atividade, constatou-se que grande parte (33,33%) das professoras compreendeu a importância de uma reflexão crítica em se tratando das variedades menos prestigiadas da língua em sala de aula, bem como da necessidade de mostrar ao aluno a transição que ocorre na própria língua do educando durante seus momentos de interação verbal. Em 13,33% das respostas, enfatiza-se essa transição tanto na escrita quanto na fala. Entretanto, 26,66% permaneceram na ideia de que a língua falada é o lugar do caos, onde não existe regra nenhuma, e a escrita é o lugar da ordem, em que erros são inadmissíveis. Houve também 26,66% de respostas desconexas e sem coerência, que fugiram completamente da pergunta.

Em seguida, são expostas algumas respostas das professoras que participaram da oficina.

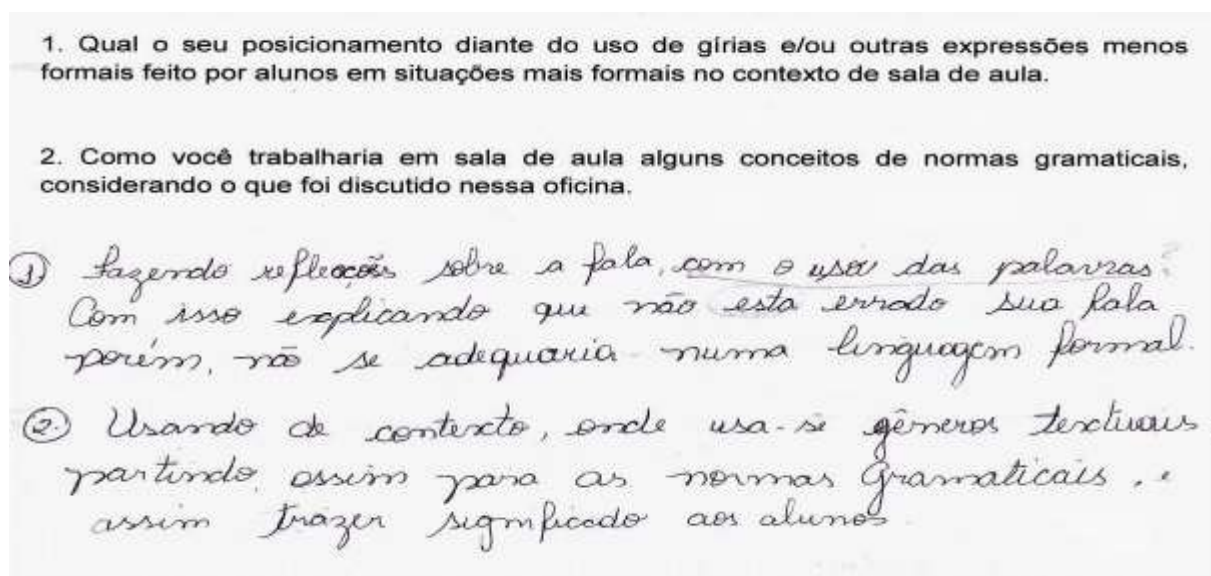


Imagem 01 – trecho retirado da proposta de trabalho realizado na oficina.

Na segunda questão, houve 40% de respostas minimamente satisfatórias, afirmando que já trabalham, ou pretendem trabalhar com as regras gramaticais de forma contextualizada, para que o

Encontro Anual de Iniciação Científica da Unespar

conteúdo possa trazer sentido à realidade do aluno. As outras 53,53% das respostas à segunda pergunta não foram consideradas muito adequadas, pois algumas respostas fugiram ao que se estava questionando. Houve ainda por parte de uma professora a afirmação de que seu trabalho com a gramática ocorre de forma “crua”, sendo totalmente descontextualizada com a realidade de seus alunos.

Na última questão proposta às professoras, a ideia era a de que elas desenvolvessem algumas atividades tendo como texto-base a tira humorística do personagem Chico Bento¹. Elas poderiam explorar qualquer conteúdo de língua portuguesa, desde que os pressupostos sociolinguísticos estivessem como pano de fundo para esse trabalho.

Observe-se, a seguir, a proposta:

3. Selecione uma das tiras a seguir e elabore de 3 a 5 atividades de língua portuguesa (leitura, análise linguística, gramática, etc.), considerando o seu nível de ensino, envolvendo variação linguística.

TEXTO 1



TEXTO 2



¹ A utilização da tira do Chico Bento foi propositalmente sugerida, já que esses textos aparecem frequentemente nos materiais didáticos que pretendem trabalhar questões sociolinguísticas, fazendo afirmações e gerando conclusões bastante equivocadas no que se refere ao entendimento da realidade heterogênea da língua portuguesa.

Encontro Anual de Iniciação Científica da Unespar

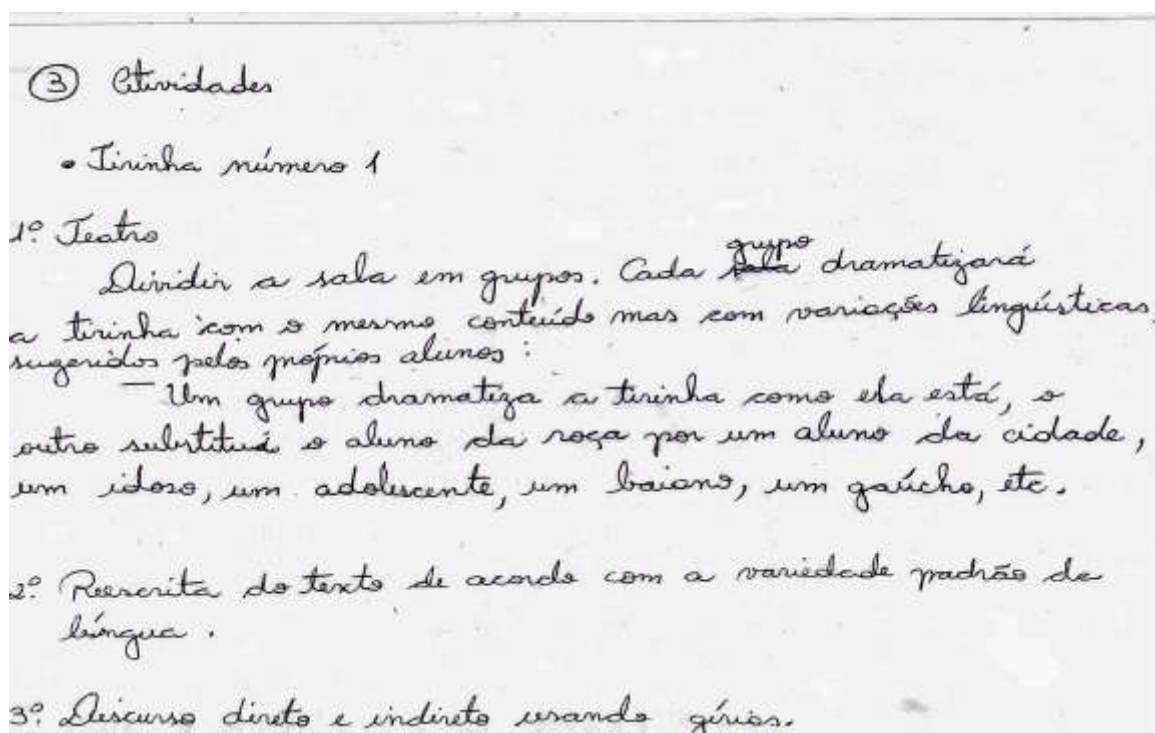


Imagem 02 – trecho retirado da proposta de trabalho realizado na oficina.

A proposta de trabalho com a variação linguística pela professora pode ser razoavelmente compreensível, entretanto a ideia de existência de uma norma padrão e que todas as outras variações devem ser comparadas a ela continua impregnada em sua mentalidade. Isso pode fazer com que seu trabalho em sala de aula com a Sociolinguística acabe não surtindo o resultado esperado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo o que consta em nosso projeto de Iniciação Científica, “O primeiro e amplo resultado esperado é a implementação de uma reflexão sociolinguística que contribua para uma prática docente sensível ao aluno e àquilo que ele traz quando chega à escola”. Espera-se que, após o acompanhamento e retorno aos agentes envolvidos na pesquisa, essa reflexão tenha atingido a todos.

A forma tradicional de ensino encontra-se enraizada no sistema educacional e principalmente na mentalidade de alguns professores. A forma como a gramática era trabalhada há décadas continua a mesma, dificultando, assim, a aplicação de teorias que mostram a dinamicidade existente na língua. O ensino de língua materna deve ser revisto, não apenas pelos governos, mas por todos os envolvidos, inclusive o professor, enquanto agente de ensino.

Mudanças no cenário educacional devem ocorrer com urgência e, nesse cenário, se torna fundamental a figura do professor pesquisador, aquele educador que está sempre atento e aberto às

Encontro Anual de Iniciação Científica da Unespar

novas informações, que busca o melhor e mais eficaz método de construir o conhecimento junto de seus alunos.

Essa pesquisa de Iniciação Científica proporcionou-me conhecimentos extremamente importantes para a realização de futuras pesquisas na área da Sociolinguística Educacional e principalmente para minha atuação em sala de aula, pois, após sua realização, posso afirmar que a visão de ensino de língua materna tida por mim antes da pesquisa é totalmente diferente da que possuo agora. Apesar das dificuldades (como, por exemplo, longos períodos de recesso das atividades escolares seja pelas enchentes ocorridas no Município, seja pela greve dos professores do Estado), os resultados alcançados podem ser considerados altamente produtivos para todos aqueles envolvidos com a educação em língua materna na Educação Básica que participaram dessa pesquisa científica.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. Muito além da gramática. Por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola, 2007.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística em sala de aula**. São Paulo: Parábola, 2004.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Pesquisa qualitativa para a prática e formação do professor pesquisador**. São Paulo: Parábola, 2006.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa** São Paulo: Parábola, 2008.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris; FREITAS, Vera Aparecida de L. Sociolinguística Educacional. In: HORA, Dermeval da *et alii* (orgs). **Abralin – 40 anos em cena**. João Pessoa: Editora UFPB, 2009.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. (Coord.). Projeto Pontes: entre a pesquisa acadêmica de Sociolinguística educacional e a formação de professores. Brasília, 2012.

BRASIL. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

**Encontro Anual de Iniciação Científica
da Unespar**

CARNEIRO, Flávia Thaís. **A educação sociolinguística nos anos finais do Ensino Fundamental**. Projeto de Iniciação Científica. UNESPAR/UV, 2014.

CYRANKA, Lúcia F. Mendonça *et alii*. **A sociolinguística no ensino fundamental: resultados de uma pesquisa-ação**. Linhas críticas, Juiz de Fora, v.16,n. 31, jul.dez. 2010.

CYRANKA, Lúcia F. de Mendonça *et alii*. **A sociolinguística como atividade no currículo escolar do Ensino Fundamental**. In: Cadernos do CNLF, Vol. XV, Nº 5, t. 1. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011 p. 247.

FERRAREZI, Celso. **Pedagogia do silenciamento: a escola brasileira e o ensino de língua materna**. São Paulo: Parábola, 2014.

KEMMIS, Stephen; MC TAGGART, Robin (Eds.). **The Action Research Planner**. Melbourne: Deakin University, 1988.

LEITE, Yonne; CALLOU, Dinah. **Como falam os brasileiros**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

MELLO, Fernanda R. de. **Por uma pedagogia da variação: a Sociolinguística na formação de professores da Educação Básica**. Projeto de Pesquisa. UNESPAR/UV, 2014.